

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DO FORUM PAULO FREIRE

Eixo 1. A educação que emancipa frente às injustiças, desigualdades e vulnerabilidades.

FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E DE ENRIQUE DUSSEL PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.

SEVERINO, Antônio Joaquim – UNINOVE – antoniojs@uninove.br

Resumo

Este ensaio, de cunho teórico, tem por objetivo desenvolver uma breve reflexão explicitando as contribuições pioneiras dos pensamentos de Paulo Freire e Enrique Dussel para a constituição original de uma concepção sistematizada da educação como mediação fundamental do processo de emancipação humana. Destaca-se assim convergências básicas entre as filosofias dos dois pensadores, sem prejuízo das especificidades de cada uma. Ressaltando o pioneirismo dos mesmos, enfatiza, de um lado, a perspectiva predominantemente teórica do pensamento de Dussel e, de outro, a perspectiva mais praxista do pensamento de Paulo Freire. Em ambos os casos, afirma-se a busca sistemática por parte destes autores, pela prática da filosofia como expressão de uma logosfera identificada com a regionalidade latinoamericana, fundamentalmente marcada por uma condição de opressão material e espiritual, acenando então na direção de uma postura intercultural para a atividade autêntica do filosofar.

Palavras-chave: Enrique Dussel, Paulo Freire, Analética. Diálogo. Interação. Filosofia da práxis.

Introdução

Quando se fala de libertação, no contexto da filosofia da educação latinoamericana, os nomes de dois grandes pensadores da educação se destacam: Enrique Dussel e Paulo Freire. A filosofia latinoamericana, como um dos instauradores da filosofia da libertação, marcado por significativa autonomia frente aos paradigmas da filosofia eurocêntrica que, desde os tempos coloniais, vinha influenciando o modo de pensar dos povos latinoamericanos. Em decorrência desse seu posicionamento, tornou-se uma das principais referências dos que buscam entender o conhecimento como ferramenta de emancipação das pessoas. De seu lado, Paulo Freire é bem reconhecido como grande

educador no seio da comunidade acadêmica e das instituições culturais, não só do Brasil e da América Latina, mas de todo o mundo, embora em nosso contexto nacional, não seja comum incluí-lo no rol dos filósofos da educação.

Há que se reconhecer uma forte convergência entre as duas propostas filosófico-educacionais, na medida em que se nutrem de experiências humanas históricas comuns além de se abastecerem em referências teóricas próximas. Ambas têm um mesmo ponto de partida: a condição histórico-social do povo latino-americano enquanto inserido na periferia do centro dominador do conjunto civilizatório ocidental. Trata-se da mesma referência histórico-antropológica. A libertação é pensada e proposta com o reconhecimento e a afirmação dessa inserção umbilical. Tanto assim que não negam a tradição filosófica européia, e embora ambas as propostas envolvam uma crítica que implica uma superação, os pressupostos fundantes encontram suas raízes nessa mesma tradição.

Igualmente compartilham o alicerce comum que dão à construção do edifício de seus pensamentos: a concepção humanista que surgiu e se consolidou na tradição filosófica ocidental, em que pesem os compromissos perturbadores que obscureceram o reconhecimento da dignidade humana em questão.

No entanto, a retomada desse vínculo é feita de maneira diferenciada. Enquanto Dussel, de forma mais sistemática, busca realizar um confronto teórico mais direto com essa tradição, num certo sentido voltando a suas raízes como que buscando uma reorientação, uma reconstituição de caminhos, Paulo Freire, mais sensibilizado aos desafios da prática, busca desvendar os meandros, as nervuras concretas da dominação, busca operar o processo emancipatório em ato. Daí a razão pela qual seu método de incursão histórica se realiza fundamentalmente pela mediação da educação, como prática da liberdade.(CINTRA, 1998; GADOTTI, 1996).

Dussel e a filosofia analética

Enrique Dussel, para fazer a crítica radical à cultura filosófica ocidental, ataca o que considera seu cerne, a categoria da totalidade da qual, na sua leitura, nem mesmo o método dialético deu conta de fazer o necessário exorcismo. Daí propor sua analética, de acordo com a qual um projeto de libertação não é a prolongação do sistema unívoco mas a recriação a partir da revelação e do reconhecimento do excluído. A dialética da

totalidade acaba expressando um movimento de imposição, de dominação do todo sobre as partes, enquanto que a analética leva ao justo crescimento da totalidade mas sempre desde um outro, que é o destino do serviço criativo.

Por isso mesmo, a categoria fecundante é a da exterioridade, da alteridade, que permanentemente relança a totalidade a um busca de um novo fundamento. A presença permanente da alteridade questiona, a cada momento, o absolutismo da totalidade. Sensibilizado eticamente pela condição de dominação que sufoca historicamente o outro, o filósofo precisa comprometer-se com sua libertação, fazendo de seu pensar uma analética pedagógica de libertação. Assim, o que se espera de toda filosofia é a doação da palavra a todo ser a que é negada a autonomia, viabilizando sua condição de sujeito, ela é um permanente por em crise o seu discípulo, explicitando-lhe as amarras da dominação e indicando-lhe o valor de seus gestos reinstauradores. Nesse sentido, Dussel entende a filosofia como fundamentalmente magistério, ou seja, exercício de uma função crítico-libertadora e não tomada e exercício do poder político. Distingue claramente as duas funções, reconhecendo ambas como necessárias, mas sempre cumprindo papéis distintos (DUSSEL, 1977, p. 131; SCHNORR, 2006).

Paulo Freire e a filosofia da práxis.

Paulo Freire, por sua vez, partindo da mesma condição de dominação em que se encontram os sujeitos latinoamericanos, menos preocupado em criticar a filosofia ocidental eurocêntrica, explora suas contribuições afirmativas. Recolhe inspirações humanísticas da fenomenologia, do existencialismo, do personalismo, do hegelianismo e do marxismo. Sem dúvida, procura exorcizar o idealismo que espreita essa tradição da cultura filosófica européia. Sua proposta também é eminentemente pedagógica no sentido de que, mediante uma ação cultural para a libertação, pode levar a consciência do oprimido ao nível da criticidade (1965, p. 89). Mas esta consciência crítica não pode existir de forma intelectualista, ela precisa enraizar-se na práxis, sendo ação-reflexão. Demanda de comprometimento político-social, de engajamento histórico. Consciência de classe não é só sensibilidade de classe. Só que o conhecimento não se dá espontaneamente, naturalmente, ele é resultante de um processo de interação social.

Daí a extrema importância da educação como prática sócio-cultural, como interação permanente entre os sujeitos. Seu pensamento libertador implica um método aplicado de

ação emancipatória, um método de libertação popular, cuja característica fundamental é a dialogicidade educador/educando, mediados pelo conhecimento que ambos podem desenvolver, enquanto sujeitos livres, e que é problematizador por excelência. Paulo Freire vê sua metodologia pedagógica como uma mediação para o compartilhamento de uma intencionalidade. A pedagogia do oprimido deve colocar educadores e educandos em processo de conhecimento da realidade, de forma desveladora e crítica, e de frente às perspectivas de um projeto emancipatório. (FREIRE, 1987; 2011; ANDREOLA..., 2010)

Considerações finais

Identifico nas concepções dos dois pensadores aquelas que considero as três dimensões, integradas entre si, que constituem os pilares dessa atividade subjetiva que é tida, culturalmente, como filosófica. Trata-se de uma aguda sensibilidade problematizadora, que se expressa mediante o questionamento do sentido do humano, em sua relação com o mundo, que se dá pelo conhecer e pelo agir. O filósofo é aquele sujeito cujo pensamento nasce e se desenvolve movido por uma inexorável indagação a respeito da condição humana. É unicamente sob este aspecto que se pode caracterizar a filosofia como uma démarche universal, na medida que ela se põe ao espírito independentemente de suas coordenadas concretas, de tempo e de espaço. O que cabe afirmar então é que universal é a problematização filosófica enquanto a resposta que o filósofo pretende lhe dar precisa ser necessariamente particular.

Assim, mobilizar-se pela busca do sentido do existir, preocupação onto-antropológica, pela busca das vias de acesso a esse sentido, preocupação com o conhecimento, epistemológica, bem como pela legitimação do agir, preocupação com os fundamentos da prática, dimensão axiológica, a meu ver, constituem os próprios pilares estruturais do filosofar.

Mas, obviamente, não há como abordar o homem, seu conhecimento e sua ação, buscando desvendar o seu sentido -- situação vista como uma se fosse uma dimensão transcendente ---, sem considerar sua imanência radical nas coordenadas do espaço e do tempo. Espaço social e tempo histórico. Nas malhas do social, na temporalidade histórica, na praxidade real. Na profunda encarnação do existir humano. Sem esta adequação, o pensamento filosófico não iria além de uma formulação abstrata,

apriorística e idealista, situações de que não nos faltam numerosos exemplos na história da filosofia.

Ora, não há como negar a presença dessa articulação nas obras de Enrique Dussel e de Paulo Freire, o que os legitima como autênticos praticantes da filosofia. Suas obras expressam uma profunda sensibilidade ao humano, cobrando um compromisso de emancipação frente a todas as formas de sua degradação; uma vigilante atenção aos processos de conhecimento, seja na busca de seus caminhos seja na denúncia de seus desvios ideológicos. Não há como negar que as teorias da aprendizagem que subjazem a suas metodologias pedagógicas implicam uma sólida teoria do conhecimento. Toda teoria da aprendizagem se sustenta numa teoria do conhecimento. E o que não dizer de suas exigentes buscas de coerência entre a prática e os valores éticos e políticos que a devem presidir!

Mas todo esse encaminhamento não se faz no abstrato. Está em pauta a condição de um ser humano historicamente situado, o homem latinoamericano, de aqui e agora, envolto em desafios histórico-sociais bem concretos. O que acenta para uma postura filosófica de cunho intercultural, como aquela proposta por Raul Fornet-Betancourt (1994).

Referências bibliográficas

ANDREOLA, Balduino, HENZ, Celso I., KRONBAUER, Luiz G. Paulo Freire e o pensamento latinoamericano. In. p. 15- STRECK, Danilo GHIGGI, Gomercindo, SILVEIRA, Fabiane T. de, PITANO, Sandro de C. (Orgs.) *Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo* II Brasília: LiberLivro; Oikos, 2010.

CINTRA, Benedito E. L. *Paulo Freire entre o grego e o semita: educação, filosofia e comunhão*. Porto Alegre: EDPU CRS, 1998. (Coleção Filosofia, 83).

DUSSEL, Enrique. *Introducción a uma filosofia de la liberación latinoamericana*. México: Editorial Extemporâneos, 1977.

FORNET-BETANCOURT, Raul. *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-America*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação e conscientização*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir (Org.) *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez/IPF/Unesco, 1996.

SCHNORR, Giselle M. *Filosofia no ensino médio: reflexões a partir de uma experiência filosófica libertadora*. Curitiba: UFPR, 2006. (Dissertação de Mestrado).